

Festa de S. José



São José é desde cedo apresentado como símbolo e exemplo de pai e de trabalhador, estando por isso associado à celebração do 'Dia do Pai'. Os factos relativos à vida de São José são contados nos Evangelhos, nomeadamente nos textos de Mateus e Lucas.

O dia de S. José foi celebrado na paróquia no dia 21 de março, na Eucaristia de sábado, às 17h. A igreja estava cheia, todos quiseram participar e o Sr. Pe. Torres Lima fez uma homília a pensar em todos os pais ali presentes.

No fim da Eucaristia saiu a procissão, em que todas as crianças, adolescentes e jovens, participaram. Saíram quatro andores. O andar do Senhor dos Aflitos foi levado pelos adolescentes do 6.º ano, o andar do Menino Jesus foi levado pelos jovens do 9.º ano, o andar de Nossa Senhora foi levado pelos jovens do 10.º ano e o andar de S. José foi levado pelos pais. Todos os andores foram acompanhados pelos meninos do 1.º e 2.º ano nas fitinhas e as crianças do 4.º ano iam à frente da procissão a lançar pétalas de flores. As crianças da Catequese acompanharam a procissão conferindo-lhe a solenidade que esta merecia.

No fim, foi entregue aos pais uma lembrança relativa ao dia. A catequese e a paróquia agradecem ao casal de zeladores de S. José, pois nos proporcionou um fim de tarde diferente.

A Catequese

AGRADECIMENTO

A Comissão de Festas de N.ª Senhora de Vinha vem, por este meio, agradecer ao Sr. Alberto Rego, na qualidade de Diretor do Grupo Etnográfico, a disponibilidade de podermos utilizar a cozinha da sede, no decorrer destes 5 anos, para os almoços que temos realizado, com o fim da angariação de fundos para as obras do Centro Social.

O nosso muito obrigado!

Grandeza

A grandeza do homem está naquilo que lhe resta, precisamente quando tudo o que lhe dava algum brilho exterior se apaga. (Ety Hillesum 1914-1943)

Ser parte da solução

Não encontre defeitos, encontre soluções. Qualquer um sabe queixar-se. (Henry Ford 1863-1947)

São José, Modelo dos Pais

O Evangelho define São José como homem "justo" (Mt. 1, 19). De facto, o justo é a pessoa que reza, vive da fé e procura praticar o bem em qualquer circunstância da vida. Louvor aos pais, que seguem os passos de gerações de pais, e que, com o exemplo de uma vida simples e laboriosa, imprimem no coração dos filhos o valor inestimável da fé, alimentada pela oração e sem a qual qualquer outro bem corre o risco de ser vão.

Reza, criança reza
nunca deixes de rezar
Jesus é teu amigo
Ele vai-te escutar.

Brinca, criança brinca
nunca deixes de brincar
Jesus é teu amigo
vai-te sempre acompanhar.

Estuda, criança estuda
nunca deixes de estudar
Jesus é teu amigo
irá sempre te ajudar.

Sorri, criança sorri
nunca deixes de sorrir
Jesus é teu amigo
Contigo vai-se divertir.

A presença de Jesus, nas nossas vidas, é como a presença da primavera, que, com o seu calor e a sua luz, permite a renovação de toda a natureza que suportou o longo inverno.

Isaura Arezes

Areosa já tem o seu primeiro Parque Infantil e Geriátrico



Bem no centro da freguesia, junto ao Centro Paroquial, em terreno da paróquia cedido para esse efeito, dá gosto ver as famílias com as suas crianças e pessoas menos jovens a brincar, a conversar, a fazer ginástica de manutenção, a conviver, num espaço agradável e convidativo como é o novo Parque Infantil e Geriátrico de Areosa.

Inaugurado a 6 de julho passado, por ocasião das festividades em honra da Padroeira da paróquia, N. Sr.ª de Vinha, com a presença do Sr. Presidente da Câmara, Dr. José Maria Costa, do Sr. Presidente da Junta, Rui Mesquita e outras autoridades, este Parque, que exigiu um investimento de 23 mil euros, só foi possível ser construído devido à iniciativa e empenho do nosso Presidente da Junta e o apoio financeiro da Câmara Municipal de Viana do Castelo.



VINHA DE AREOSA

Director: P.º Manuel José Torres Lima • IV Série Ano LVI • N.º 498 • AGOSTO 2015
Boletim Paroquial de Areosa • Proprietário: Fábrica da Igreja Paroquial de Areosa

Catequese

Costumo dizer muitas vezes que a ignorância é o maior inimigo da religião católica. Na verdade, ninguém ama aquilo que não conhece. Como pode um cristão amar a Cristo se não O conhece, não estuda a Sua Palavra, não participa em ações de formação cristã, não se interessa em aprender sempre mais sobre as verdades da sua Fé?

Há dias ouvia um padre na Internet a dizer que o que salvará muita gente, o que levará muita gente a entrar um dia no Céu, é o "8.º sacramento", que identificava como a "santa ignorância", já que dos sete Sacramentos que realmente Jesus instituiu pouco ou nada sabem e, por isso, ou os não recebem ou os recebem sem a devida preparação e as devidas disposições. É claro que, como o mesmo padre lembrava, nem toda a ignorância é isenta de culpa, pelo que não terá desculpa por não saber quem, livremente, optou por se manter na ignorância ou até por fugir de tudo o que lhe poderia trazer o conhecimento de Deus e do Seu desígnio salvador para cada um de nós.

Será por isso, para manterem a ignorância, que muitos cristãos, sempre prontos, e bem, a participar nos atos de culto, fogem "como o diabo da cruz" de todas as oportunidades que a paróquia lhe proporciona para cultivarem a sua Fé?

A Catequese não pode pois ser feita apenas na Infância e na Adolescência, antes tem de continuar a vida inteira. Se alguém, aos 30, 40 ou 50 anos, quisesse usar o vestido da sua Primeira Comunhão, não o conseguiria, pois já não lhe serve. O mesmo acontece com as ideias infantis sobre Deus e a religião, então adequadas à sua idade, que lhe foram transmitidas na Catequese da Infância e Adolescência. Serviam nessas idades, mas, em muitos casos, parecerão ridículas, erradas ou ultrapassadas para um adulto, com uma estrutura mental proporcionada pelos conhecimentos científicos entretanto adquiridos e com uma experiência de vida adulta totalmente diferentes da infância e da adolescência.

É por isso, e não só, que, ao longo da vida inteira, é tão importante participar na Eucaristia, escutando atentamente a Palavra de Deus e a sua explicação e a sua aplicação prática à nossa vida de adultos.

Aproveite para informar que a Catequese organizada na nossa paróquia começará, neste ano pastoral 2015-2016, já no próximo dia 26 de setembro, às 16,30 h.

Pe. Torres Lima

MATRIMÓNIO, CASAMENTO CIVIL, UNIÃO DE FACTO

Nos últimos decénios, devido a um certo laxismo social, surgiram graves confusões entre três realidades bem distintas jurídica e socialmente – matrimónios, casamentos, uniões de facto - de que depende o bem-estar e a felicidade dos lares, para já não referir a situação face à Igreja.

Clarifiquem-se as situações para desfazer dúvidas e suscitar o devido esclarecimento.

É evidente que o casamento civil e as uniões de facto não se englobam na classe dos sacramentos que se aprendem a partir dos primeiros anos da catequese.

É bom que haja várias opções para as pessoas se constituírem em sociedade. Ninguém pode ser obrigado a contrair Matrimónio, nem muito ninguém deveria ser coagido a casar. Há situações lamentáveis de que a Comunicação Social vai dando azo com cenas de crimes e outras situações deploráveis.

Nem todas as pessoas são cristãs, e, mesmo entre os que foram batizados, muitos abandonaram as práticas religiosas. Não obstante, poderá haver casamentos mistos, entre nubente católico com um não praticante, desde que este declare respeitar a religião do cônjuge. No entanto, acentue-se, entre cristãos – e não falo apenas entre católicos, não é lícita outra união a não ser o Matrimónio. É uma norma indiscutível que não gera qualquer divisão entre as igrejas cristãs, e não apenas na igreja católica. Anglicanos, ortodoxos, metodistas e outras religiões são unânimes seguidores desta doutrina.

Sempre existiram uniões de facto, em todas as épocas, ainda que com designações diversas. Chamavam-se os amancebados, quando não se queria (ou não podia) legalizar a situação face à sociedade, face a um impedimento legal. Como a grande dificuldade ou mesmo a impossibilidade dissolver a situação marital pelo divórcio.

Atualmente, as uniões de facto tornam-se muito comuns, mesmo entre as pessoas mais cultas. Será falta de fé ou apenas carências de amor autêntico? É certo que, em caso de dissolução da união, o divórcio torna-se muito mais fácil. Contudo, mal vai quando homem e mulher se unem a pensar num divórcio fácil!

Deixamos para último lugar o casamento civil. É uma forma de união entre cônjuges, como outra qualquer em que os sócios detêm iguais direitos e deveres.

(Continua na pág. 2)

VINHA DE AREOSA

ANO LVI - N.º 498
AGOSTO 2015

DIRECTOR:

Pe. Manuel José Torres Lima
Telemóvel: 936 322 123
E-mail: paroquiaareosa@sapo.pt

Redacção e Composição:
Pe. Manuel José Torres Lima
Telefone: 258 811 475

Colaboradores:

Amadeu Amorim Pereira, Ana Maria
Fernandes Lucas, António Jorge Pinto da
Cunha, António Martins da Costa Viana e
Apolinário Américo Araújo Alves

PROPRIEDADE E ADMINISTRAÇÃO:
Fábrica da Igreja Paroquial de Areosa
4900-813 AREOSA – Viana do Castelo

Depósito legal: 133 / 81
N.º Insc. Inst. Com. Social 101558

ASSINATURA ANUAL:

Sem franquia ou por email (pdf) - 5€
Por correio para Portugal - 7,50€
Por correio para fora de Portugal - 10€

IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA SOUSA
E-mail: tip.sousa@sapo.pt
Tel. 258 822 241
Tiragem: 700 exemplares

MOVIMENTO RELIGIOSO

Filhos de Deus pelo Baptismo

Tornaram-se discípulos de Cristo pelo Sacramento do Baptismo:

Pilar Lobo da Silva Pessanha de Passos, filha de Ricardo Pessanha Sacchetti de Passos e de Carla Alexandra Lobo da Costa e Silva Pessanha Passos, residentes em Areosa. O batizado realizou-se em **8 de agosto de 2015**, na igreja paroquial de Areosa.

Luísa Michèle Rathieuville Enes Capeio, filha de Julien Roland Richard Rathieuville e de Sílvia Enes Capeio, residentes em Areosa, e em França como emigrantes. O batizado realizou-se em **15 de agosto de 2015**, na igreja paroquial de Areosa.

Lucas Fur Enes Martins da Cruz, filho de Yann Fur e de Célia Clara Enes Martins da Cruz Fur, residentes em Areosa, e em França como emigrantes. O batizado realizou-se em **15 de agosto de 2015**, na igreja paroquial de Areosa.

Maelys Lavigne Lima, filha de David Luís Mourão Lima e de Cecile Lavigne, residentes em Areosa, e em França como emigrantes. O batizado realizou-se em **21 de agosto de 2015**, na igreja paroquial de Areosa.

Simão Afonseca Fernandes, filho de João Luís Lira Ramos Fernandes e de Joaquina Felgueiras Afonseca, residentes em Areosa. O batizado realizou-se em **22 de agosto de 2015**, na igreja paroquial de Areosa.

Votos de muitas felicidades para estes neófitos e suas famílias.

Na mão de Deus

Foram chamados para Deus:



Angelina Enes Viana, de 90 anos de idade, viúva de Álvaro Ferreira Palhares, natural e residente em Areosa. Faleceu em 6 de abril de 2015.



Júlio César Moura, de 89 anos de idade, casado com Aida de Jesus Gordete, natural de Felgueiras - Torre de Moncorvo e residente em Carreço. Faleceu em 30 de julho de 2015 no Hospital de Braga e foi sepultado no cemitério desta freguesia de Areosa.



Maria Filomena da Silva Fernandes, de 69 anos de idade, casada com Joaquim Augusto Gonçalves, natural de Monserrate e residente em Areosa. Faleceu em 3 de agosto de 2015 e foi sepultada no Cemitério Municipal de Viana do Castelo.



Aida Faria da Paixão, de 91 anos de idade, viúva de Domingos Moreno da Cunha Matos, natural de Mazedo - Monção e residente em Areosa. Faleceu em 14 de agosto de 2015.



José Martins da Cruz, de 74 anos de idade, viúvo de Rosa Pereira de Lima da Cruz, natural e residente no Centro de Bem Estar Social de Seixas, em Seixas - Caminha. Faleceu em 15 de agosto de 2015 e foi sepultado no cemitério desta freguesia de Areosa.



Maria Alves Gomes do Rego, de 79 anos de idade, solteira, natural e residente em Areosa. Faleceu em 18 de agosto de 2015, no Centro Comunitário de Darque.



Aníbal Alves Vieira, de 88 anos de idade, casado com Maria Lúcia Fernandes Amaral, natural de Afife - Viana do Castelo e residente em Areosa. Faleceu em 29 de agosto de 2015 no Hospital Militar da Boavista, no Porto e foi sepultado no Cemitério Municipal de Viana do Castelo.



Rafael Augusto Lage Vieira, de 69 anos de idade, divorciado de Merja Hannelle Nikkinen Lage Vieira, natural do Porto e residente em Areosa. Faleceu em 24 de agosto de 2015, na We Care - Unidade de Cuidados Paliativos da Póvoa de Varzim.

MATRIMÓNIO, CASAMENTO CIVIL, UNIÃO DE FACTO

(Continuação da 1.ª página)

O casamento civil surgiu na Idade Moderna, com o triunfo das ideologias liberais, após a Revolução Francesa. O liberalismo foi sendo adaptado na política, na economia, nas relações sociais. A Igreja também foi abalada nas orientações que se encontravam imutáveis há muitos séculos. Entre nós, recorda-se a lei de Costa Cabral que proibia a realização dos funerais nas igrejas – funerais civis, o que deu origem à sublevação popular, conhecida como revolução de Maria de Fonte.

Em Portugal, as leis mais liberais, enformadas dos ideais republicanos, consolidaram-se após a implantação da República, em que se institucionalizou o divórcio, legalizou o casamento civil e proclamou a igualdade entre homem e mulher.

Longe de mim fazer parte do rol dos delatores que se prazenteiam em críticas mixordeiras, nem nada tenho a ver com as opções que pretendem fazer. Apenas pretendo abrir luz que possa nortear quem se encontre de coração puro e intenção reta.

É certo que, em caso de fracasso na relação amorosa entre os cônjuges, é bem mais fácil o divórcio, já que o Matrimónio é indissolúvel. Quantos casos há de casais que pretendem separar-se e refazer a sua vida, mas embatem contra a apresentação de provas concludentes, que permitam aos juízes a sentença do divórcio!

Para que tal não aconteça e com vista a uma maior consciencialização do ato a assumir de que depende a felicidade, a igreja tem promovido cursos de preparação para o matrimónio (CPM), que ajudam os nubentes a preparar-se para a entrega mútua de suas vidas.

Desejando a todos os que lerem estas reflexões, casados ou solteiros, que vivam felizes e se amem como Cristo amou a Igreja, são os meus votos, augurando voltar ao tema num dos próximos números deste jornal.

Américo Alves

FESTA DA PALAVRA



No passado dia 17 de janeiro, pelas 18 horas, celebrou-se, na paróquia de Areosa, a Festa da Palavra, das crianças do 4.º ano da Catequese.

Ao longo destes 4 anos de Catequese, estas crianças aprenderam que Jesus lhes fala de muitas maneiras, principalmente através da Bíblia. Por isso, na Festa da Palavra, estas crianças tiveram a alegria de receber a sua primeira Bíblia. Deste modo, passaram a ter sempre a Palavra de Deus mais perto de cada um deles.

Através desta celebração, as crianças do 4.º ano deram mais um passo na sua caminhada como cristãos e como participantes da nossa paróquia de Areosa.

Ana Catarina Silva

FESTA DO PAI NOSSO



No passado dia 7 de março, as meninas e os meninos do 2.º ano da nossa paróquia celebraram a Festa do Pai Nosso.

Eles, ao longo deste ano de Catequese, aprenderam algo muito importante e neste dia receberam a oração mais bonita que foi ensinada pelo nosso amigo Jesus. É a oração do Pai Nosso.

As meninas e meninos do 2.º ano: Arisberto, Barbara, Daniel, Francisca, Francisco, Gonçalo, Margarida, Mariana, Miguel, Ricardo, Tiago.

Os Catequistas: André Dantas, Catarina Afonso, Hugo Freixo.

Via Sacra das Crianças

No dia 14 de março, os meninos e meninas do primeiro ao terceiro ano tiveram uma catequese muito especial.

Eles viveram o caminho que Jesus fez com muita coragem, paciência e amor. Esse caminho é aquele a que chamamos Via-Sacra, que significa: Caminho Sagrado. Nela aprenderam mais sobre o nosso grande amigo Jesus, sobre o que lhe aconteceu antes de se sacrificar por nós e o quanto sofreu para nos salvar. Foi assim uma forma de melhor prepararem os seus corações para a Páscoa e agradecerem a Jesus a sua grande prova de amor por todos nós.

A Catequese

CAMINHADA DA CRUZ



No passado dia 15 de março realizou-se a "Caminhada da Cruz" até S. Mamede, atividade já tradicional na paróquia do S. Socorro. A paróquia de St.ª Maria de Vinha de Areosa participou pela segunda vez e este ano teve o privilégio de a organizar. Estávamos ao todo mais de 50 pessoas, entre crianças, jovens, pais e catequistas.

Sáimos da nossa igreja às 10:30h e até ao monte fizemos atividades em que nos divertimos, lembramos e aprendemos coisas sobre catequese. Foi bom ver a disputa entre todos para ver quem sabia mais.

Ao chegarmos lá cima houve o almoço de farnel partilhado por todos. Às 15h realizou-se a Via Sacra pelo monte, a qual deu para refletirmos e rezarmos.

Depois da oração final e entrega da lembrança, regressamos todos ao nosso salão paroquial e terminamos o dia com um lanche partilhado.

Foi mais uma atividade que nos ajudou a viver o espírito quaresmal e mais um dia bem passado, pelo convívio e partilha que houve entre os participantes das duas paróquias.

A Catequese

AO ENCONTRO DA BÍBLIA (V)

11. Quem escreveu a Bíblia?

Caro(a) Leitor(a), como vai? Espero que esteja a desfrutar - assim como eu estou -, deste conjunto de artigos que têm a pretensão de incutir - ao menos tentar! - o gosto pelo texto sagrado.

Quando compramos um livro, muitas vezes somos levados pelo autor que o escreveu, que nos aponta à partida para um certo estilo literário. A Bíblia também foi escrita por alguém: antes de mais, como veremos posteriormente, tem a Deus como Autor, sendo o Autor principal da Bíblia. Mas, por agora, fiquemo-nos no autor humano: não um, mas inúmeros, pois como atribuir a uma só pessoa, um conjunto de 73 livros diferentes, com linguagens diversas, que expressa variadas condições sociais e de culturas e escrita ao longo de muitos anos? O que acontecia - numa cultura semítica que desconhecia a propriedade intelectual (direitos de autor) - era um livro ser retocado e atualizado constantemente; ou então, eram atribuídos a um personagem famoso nesse género literário... Não é possível identificar com certeza absoluta quase nenhum dos autores, mas devemos aceitar os nomes dos autores que, tradicionalmente, são apontados: por exemplo, Moisés é o autor tradicional do Pentateuco, embora hoje saibamos que não é bem assim. Isto prende-se com a chamada autenticidade do livro, que é saber se um livro foi realmente escrito pelo autor ao qual é atribuído: neste rol de autores, atribuem-se livros da Bíblia a pastores (Amós...), reis (David, Salomão...), médicos (Lucas), cobradores de impostos (Mateus), pescadores (Pedro), sacerdotes (Jeremias, Ezequiel...), entre muitos outros.

12. Quando foi escrita a Bíblia?

A sua escrita demorou mais de 1000 anos (cerca de 11 séculos), começando por volta de 950 a.C., no Reinado do Rei Salomão, pois foi aí que se começaram a reunir as condições para a escrita; e terminando no Apocalipse, por volta do ano 100 d.C. Mas mesmo tendo esse referencial temporal, é difícil saber quando se começou a escrever, pois as partes mais antigas, antes de serem escritas, foram narradas e contadas oralmente no Povo de Israel. Os povos antigos costumavam repetir de memória, nas suas reuniões e celebrações, longas recitações sobre acontecimentos passados ou histórias poéticas; e antes de recitadas foram vividas por muitas gerações, que se esforçaram por ser fiéis a Deus e organizar a sua vida de acordo com a justiça. Como hoje se aprende as letras das canções, assim eles aprendiam as histórias, as leis, as profecias, os salmos, os provérbios e muitas outras coisas, que depois foram escritas na Bíblia. Vemos, então, que nada mais longe da realidade, pensar que a Bíblia foi escrita ao sabor da pena, de uma

só assentada!

13. Onde foi escrita a Bíblia?

Não foi escrita num só lugar, mas em muitos lugares diferentes. Os costumes, a cultura, a religião, a situação económica, social e política de todos esses povos influenciaram a forma como a Bíblia apresenta a Mensagem de Deus aos homens. A maior parte do A.T. foi escrito na Palestina, terra do Povo de Deus, onde Jesus viveu e onde nasceu a Igreja. Algumas partes foram escritas na Babilónia, onde o povo esteve desterrado no século VI a.C.. Outras partes foram escritas no Egito, para onde emigraram muitos após o Cativoiro. Quanto ao N.T., algumas partes foram escritas na Síria e Ásia Menor (atual Turquia), na Grécia e em Itália, onde existiam as comunidades fundadas e visitadas por S. Paulo.

14. Em que língua foi escrita a Bíblia?

A Bíblia foi escrita por diversos autores com diferentes mentalidades, culturas e estilos; e também em línguas diferentes, conforme a língua falada pelo povo ao qual Deus Se dirigia mais imediatamente. São três as línguas em que a Bíblia foi escrita: hebraico, aramaico e grego comum (*koiné*). O A.T. foi quase todo escrito em hebraico, com partes em aramaico (Esd 4, 6-7.18; Dan 2, 4-7.28) e alguns livros em grego (Sab e 2 Mac). Os livros do N.T. estão em grego (*koiné*), embora apareçam por vezes traduções do aramaico. Crê-se que o Evangelho de S. Mateus teria sido escrito primeiro em aramaico.

Os textos originais da Bíblia refletem três horizontes culturais diferentes. O hebraico pertence à família das línguas semíticas. O alfabeto consta de 22 consoantes, é grafado com escrita quadrada, da direita para a esquerda; no séc. VII, uns gramáticos judeus, os massoretas, fixaram o sentido do texto, juntando as vogais em forma de pontos debaixo ou em cima das consoantes; a pronúncia que nos deixaram é pouco segura: a mais correta é as consoantes da Bíblia hebraica e as vogais da tradução grega dos LXX. Por isso, o texto hebraico da Bíblia chama-se de «massorético». O aramaico já se usava no séc. VIII a.C. como língua internacional da Assíria; foi suplantando o hebraico como língua falada; Jesus falava aramaico e os Evangelhos também referem expressões nesta língua (por exemplo, em «Abbá, Pai, tu de é possível; afasta de mim este cálice!», Mc 14, 36, «Abbá» é aramaico). E quanto ao grego do NT, ele é diferente do grego clássico; aproxima-se mais da língua falada, designada por *koiné* (ou comum); contém muitas construções de carácter semítico.

Contudo, hoje, as Bíblias que temos em casa não estão escritas nessas línguas... Mas isto, amigo(a) Leitor(a) será tema para mais tarde. Até lá, um abraço!

António Jorge

Jornada de Reflexão da AGFAM

Alinhavando memórias, aqui fica a **Reconstituição das palavras proferidas na Jornada de Reflexão da AGFAM (Associação dos Grupos Folclóricos do Alto Minho), na Sede do GEA, em 18 de Abril de 2015**, por António Martins da Costa Viana, da Areosa de Viana.

Vim aqui para ouvir e não para ser ouvido.

Não vim atraído pelo arroz de pato mas sim para corresponder ao convite do Professor Alberto Rego que tem dado relevo à minha modesta pessoa.

Só devemos falar do que sabemos. E disto não sei muito. Ensinaaram-me que Etnografia é recolha e que Etnologia é interpretação. E que Etnologia e Antropologia Cultural são a mesma coisa. Mas, num seu trabalho, Jorge Dias diz que Etnologia e Antropologia Cultural não são bem a mesma coisa. E falaram-me de Ergologia e de Folclore. De Jorge Dias ainda ouvi algumas lições. Não pude ouvir mais porque o Exército Português *ofereceu-me* uma estada de mês e meio em Lamego o que me impediu de frequentar mais aulas.

De Folcloristas há grande abundância. Faz-se uma qualquer manifestação e dela dizem: “Isso é Folclore”. Alguém diz algo que não agrada a opositores e lá vem a afirmação: “Está a fazer Folclore”. Claro que estas afirmações e entendimento desagradam aos verdadeiros Folcloristas que dão o seu esforço e saber às autênticas manifestações de Folclore.

De há uns anos que tenho colaborado na Revista “A Falar de Viana”, da VianaFestas. Há pouco convidaram-me a contribuir para a próxima edição da Revista. Pensei: “Que há-de ser?”. Lembrei-me que entre os *papéis* de meu Pai, o Professor Mário Viana, que exerceu o cargo em Areosa durante quase quarenta anos, se encontram uns recortes de jornais com artigos que Hildegardes Vianna, da Bahia, escreveu sobre as Festas da Agonia de 1970, a que ela assistiu. Há um sobre a Procissão e outro sobre o Cortejo. Também uma carta em que se dirige ao “Primo Mário” e explica o parentesco. Vi ser bisneta de meu trisavô Gonçalo Gonçalves Viana, o “Gonçalo do Gago”, de Areosa.

Costumo dizer que o computador “é burro que nem uma porta” mas que é uma ferramenta espantosa. Por essa via lá fui pesquisar. Fiquei sabendo que Hildegardes Vianna é considerada a maior folclorista do Nordeste brasileiro. Digase já que no Brasil se emprega “folclorista” com o sentido de “etnólogo”. Viveu de 1917 a 2005 e manteve uma crónica no Jornal “A Tarde” de 1955 a 1999. Sobre o significado da sua “Obra” já há quem faça “Obra”, curiosamente com perspectivas diferentes dadas as origens sociais dos (ou das) autores (ras). Assim, ficamos sabendo que esta notável escritora e folclorista é descendente de aresenses.

Não sei se tiveram oportunidade de ir visitar a Exposição “Abel Viana - Retrato de Uma Vida”, que esteve patente no Museu do Traje. Como Etnólogo fez recolha de letras e de músicas e publicou um trabalho com o título *O Rancho de Carreço e seus bailados tradicionais*. Está aqui um Senhor de Carreço. Ora na Exposição estão dois manequins: um com o traje de Carreço e outro com o traje de Areosa. E também a reprodução ampliada da fotografia de uma lavradeira: é a de minha Mãe. A Senhora aqui ao meu lado falou do ouro. Ora vê-se que minha mãe, lavradeira, nascida em 1898 e ainda

solteira (casou com 22 anos), se apresenta com duas ou três peças de ouro. E a Casa da Bichoca, em que nasceu e se criou, era uma boa casa de lavoura.

O senhor F... referiu as fotografias que estão no exterior do Museu do Traje e que costuma apreciar. Também o costume fazer. Foi uma excelente forma de virar o Museu para o exterior. Quando António Medeiros e João Alpuim trabalhavam na preparação de “O Traje à Vianesa” quiseram falar comigo. Foram a minha casa para uma conversa que seria de dez minutos. Conversámos umas três horas. Já pelo fim, manifestei a minha opinião de que a história do traje tem de se apoiar nas fotografias. Medeiros apoiou-me. Os textos não são muitos. Já Alberto Rego aqui falou de D. António da Costa e de Ramalho Ortigão. Acrescento o incontornável Cláudio Basto e Afonso do Paço. Imagens muito, muito antigas não há. Mesmo assim eu pergunto: quando nasceu o traje masculino que agora vemos? O aludido *O Rancho de Carreço e seus bailados tradicionais* mostra-nos uma fotografia de conjunto: as lavradeiras com o traje rico e os seus pares de fato e chapéu masculinos, triviais.



Falou-se aqui de António Ferro e do Estado Novo. Recordo que numa das primeiras telenovelas portuguesas (Vila Faia? Chuva na Areia?) aparecia o mandão de uma terra (caricaturavam-se os tempos do Estado Novo) que dizia: “E agora vamos fazer um grupo folclórico. Já encomendi os trajes, as danças e as músicas”. Ora por aquilo que vou vendo e ouvindo, as invenções e apropriações vão proliferando por aí mais que no tempo do Estado Novo. Já de antes deste, houve uma preocupação em preservar o traje à vianesa como vinha de décadas e décadas anteriores. Tenho entre os *papéis* do Professor Mário Viana um documento, que já transcrevi e publiquei, que contém instruções de como os grupos se deviam apresentar trajados: “Festas da Agonia em 1919 - Condições a que devem obedecer os grupos que concorrerem ao Certame Regional de danças e descantes”.

Aquilo que a Mafalda e outras raparigas muitas vezes agora fazem, orientando as suas companheiras do Grupo. No intervalo que ocorreu nestas reuniões perguntei à Marisa qual o porquê de aqui estarem muitas mais raparigas do que rapazes. Respondeu-me que o senhor da Galiza (tenho grande dificuldade em entender línguas que não sejam a materna, mesmo a galega) na sua exposição falara nisso dizendo que os rapazes têm vergonha de vir para os grupos, que isso é coisa de meninas. Ora eu digo que os rapazes não têm vergonha de dançar nas discotecas (Alberto Rego em aparte: “com o copo na mão”) como não tinham vergonha de dançar nas eiras (aparte de Flávio, que não fixei), porque naqueles tempos não havia discotecas. O Mundo mudou.

Tenho lá em casa um fato à lavradeira que deve ter uns noventa anos. Foi oferecido a minha Mulher por uma Senhora que o recebera, quando tinha dezoito anos, de uma espanhola, por troca com um anel. Era do tempo em que se usavam pelo Carnaval. E nas primeiras Marchas Populares de Lisboa saiu vencedor Campo de Ourique, trajado “à minhota”.

Hildegardes Vianna cultivou o folclore do passado, como estes nossos grupos o fazem. Que continuem a fazê-lo, com a dedicação e energia que têm manifestado.

Estão a chamar-nos para o arroz de pato.